

LORETTA EMIRI

YANOMAMI PARA BRASILEIRO VER



COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE RORAIMA



Loretta com uma menina yanomami.
Foto: Bruce Albert.

YANOMAMI PARA BRASILEIRO VER

LORETTA EMIRI

YANOMAMI PARA BRASILEIRO VER

Emiri Loretta
YANOMAMI PARA BRASILEIRO VER
1ª Edição
Editora CPFR, 1994 (todas as demais reedições)
ETNOGRAFIA - LITERATURA BRASILEIRA

Foto: Loretta Emiri

Impresso no Brasil

CPFR
Comissão Pró-Índio de Roraima
C.P. 107

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE RORAIMA

LORETTA EMIRI

YANOMAMI PARA BRASILEIRO VER

EMIRI, Loretta
YANOMAMI PARA BRASILEIRO VER
1ª Edição
Edições CPI/RR, 1994 (todos os direitos reservados)
ETNOGRAFIA : LITERATURA BRASILEIRA

Fotos: Loretta Emiri

Impresso na Itália

C P I / R R
Comissão Pró-Índio de Roraima
C.P. 107
69.301-970 Boa Vista (RR)
Brasil

*A impressão deste livro foi financiada pela
"Comunità di Capodarco" - Fermo (AP), Itália.
Aos sensíveis e solidários amigos da região Marche
vão nossa admiração e nossos agradecimentos.*

“Art. 13 - Determinar à Secretaria Nacional de Educação Básica, à Secretaria Nacional de Educação Tecnológica e à Secretaria Nacional de Educação Superior, a revisão da imagem do índio, historicamente distorcida, divulgando-a na rede de ensino, através de literaturas didáticas”.

(Portaria Interministerial N° 559, 16/4/91)

"3 - MATERIAL DIDÁTICO

Objetivos

3 - Minimizar a visão estereotipada sobre o índio, que a escola regular passa à comunidade nacional”.

(Ministério da Educação - Documento produzido durante reunião técnica, Brasília, 18/12/91)

“01) O MEC deveria incluir em seu plano de trabalho o incentivo à veiculação da questão indígena nas escolas dos não-índios. Isto porque os livros didáticos veiculam idéias folclóricas e distorcidas, quando não preconceituosas, em relação aos índios. Um trabalho sério e sistemático nessa área contribuiria para reverter a histórica situação de racismo e preconceito perpetrada contra os povos indígenas por parte da sociedade envolvente”.

(Secretaria de Educação, Cultura e Desporto de Roraima - CAR/OF/N° 709/92, 27/8/92)

“Por outro lado, o respeito aos direitos, identidades e especificidades étnicas e culturais dos povos indígenas ficará comprometido se uma ação de fôlego não for empreendida junto à população não-índia para combater a desinformação, o preconceito e a discriminação com relação aos povos indígenas no país. É neste sentido que se espera do MEC, em ampla escala, uma atuação decidida no controle da qualidade do material didático e dos currículos escolares da educação destinada a não-índios. Na realização desta tarefa, também, dispõem-se os membros do Comitê a colaborar”.

(M. Aracy Lopes da Silva - Balanço crítico da situação da educação escolar indígena no Brasil - Discurso de posse no Comitê de Educação Escolar Indígena instituído pelo Ministério da Educação e do Desporto, Brasília, 18/3/93)

Durante um ano e três meses este livro andou por Ministérios, Comitês e Secretarias, mas sua publicação só foi possível quando o primeiro mundo deu sua esmola. Termos sidos obrigados a mendigar no exterior não nos envergonha, pois o que conta é o fato deste livro estar hoje divulgando uma experiência e dados referentes à sociedade yanomami.

**HOMENS DE PEDRA
HOMENS DE BARRO**

Sedimentação, estratificação
de idéia, de opinião.
Camadas sociais sobrepostas.
Sistema social fixo e rígido
de estados, classes, castas.
Homens de pedra,
de tão dura e fria matéria.

Da sociedade indivisa,
da vida coletiva.
Do mito, da dança,
do canto consagrados.
Homens de barro,
tão preciosos artefatos.

Para Atriyãno Hewenahipitheri Yanomami. Comigo ele se alfabetizou e a mim ele revelou os segredos da língua yãnomamè. Na sexta-feira santa de 1993, aos trinta e dois anos, já consagrado alfabetizador da sua maloca, Atriyãno morreu num esquálido hospital de "napèpè" (estrangeiros, não-yanomami). Morreu tuberculoso e tendo no pulmão o chumbo de um tiro que levou de um garimpeiro ainda em 1984.

Para Atriyãno, um dos incontáveis cristos yanomami crucificados em nome do pretenso progresso e desenvolvimento. Dele só ficam os materiais escritos que juntos produzimos, fruto da apaixonada e criativa experiência por nós dois desenvolvida na área da pesquisa lingüística e alfabetização de adultos na língua materna.

Para Atriyãno, pela relação pessoal que conseguimos escrever com tinta de urucu no fundo branco de nossas almas: uma relação profunda, marcante, solidária.

Para o professor Aldo Gomes da Costa. Na época Secretário de Estado da Educação, analisou minha bibliografia e contratou-me como Assessora para Assuntos Indígenas da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto de Roraima.

Para o professor Aldo, que apoiou e alimentou o meu desejo de publicar um livro sobre os Yanomami, dirigido à sociedade nacional, especialmente aos estudantes.

INTRODUÇÃO

Italiana, em 1977 me estabeleci em Roraima, onde tive o privilégio de conviver com os índios yanomami nas regiões do Ajarani, Catrimâni e Demini. Entre eles desenvolvi trabalhos de assistência sanitária e um projeto chamado de “Educação Global”, ou “Plano de Conscientização”, do qual fazia parte a alfabetização de adultos na língua materna. As expectativas eram de oferecer às comunidades alcançadas conhecimentos a mais a serem usados como instrumento de defesa contra o impacto do mundo dos brancos, propiciando-lhes condições para avaliar criticamente esse mundo. A trágica situação vivencial que os Yanomami enfrentam, devido à invasão de seu território por parte das frentes de expansão da sociedade dita “civilizada”, e a originalidade cultural desse povo, marcaram-me profundamente: vinda para alfabetizar os Yanomami, acabei sendo por eles educada.

“Ninguém é dessa terra, ninguém tem raízes aqui, exceto os índios. Todos que vêm um dia vão. Em toda a Amazônia, a parada é rápida. Estão aqui para arrancar o quanto podem e ir e arrancar em outra parte. É por pouco tempo, arrancar antes que acabe. Ficam os índios que conseguem sobreviver com a lama, restos, uma floresta cinza” (Paiva, 1990:131). Minha própria experiência levou-me a concluir que o saque é cultural também. Pesquisadores, turistas e aventureiros vêm, arrancam e vão embora. A maioria deles são estrangeiros. Em seus países, que se tornaram ricos pela exploração dos recursos naturais do terceiro mundo, facilmente eles conseguirão publicar seus estudos, ou suas percepções folclóricas e equivocadas. Na maioria das vezes, luxuosas e requintadas publicações reforçarão a evidência que o supérfluo esbanjado pelos ocidentais se dá às custas do essencial roubado de colonizados e oprimidos e da natureza. Nunca esses senhores se preocupam com o retorno de seus trabalhos para a sociedade regional e, tampouco, para as comunidades indígenas. Ao menos, porém, essa realidade fez com que os Yanomami se tornassem conhecidos e amados no mundo inteiro, chegando a serem considerados PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE. Enquanto isso, continuam sendo ilustres desconhecidos em Roraima e no Brasil.

Sempre acreditei que a divulgação da problemática, cultura e valores yanomami é uma forma de apoiar esse povo em sua luta pela sobrevivência física e cultural. Então, desde sempre e sistematicamente publico fotos, poemas, matérias, ensaios e estudos, dirigindo essa produção especialmente à sociedade regional, no intuito de contribuir também para modificar o etnocêntrico e preconceituoso estereótipo historicamente veiculado contra os povos indígenas em Roraima. De fato, estudos sérios e detalhados permitem destruir os falsos argumentos sustentados por concepções racistas, e colocam as sociedades indígenas em pé de igualdade em sua relação com a sociedade envolvente.

Este livro é uma introdução à vida e cultura yanomami. Baseando-me em minha própria experiência e convivência com os grupos locais das áreas do Ajarani, Catrimâni e Demini, embora sucintamente, apresentarei dados históricos, geográficos, lingüísticos, bibliográficos, e outros referentes a peculiaridades sócio-culturais do mítico e ancestral universo yanomami. Os dados, longe de serem exaustivos, são apenas pinceladas que introduzem os vários assuntos. Alguns dos termos usados são regionais, como "maloca" por exemplo. Fiz questão de não substituí-los por outros mais gerais como forma de evidenciar e valorizar as diferenças lingüísticas que existem em nosso país. Relacionando termos referentes à flora e à fauna, coloquei alguns no plural quando existem várias espécies do mesmo gênero.

Ama-se o que se conhece, por isso dirijo hoje este livro ao povo brasileiro, especialmente aos estudantes: quero que conheçam os Yanomami e passem a amá-los. A foto da capa retrata Porako Wakathautheri e seu netinho Toreke. Vejo o passado milenar yanomami materializado no rosto do velho amigo Porako, e o futuro desse povo é retratado no menino Toreke. Porako conseguiu sobreviver até os nossos dias. Ele chegou a ficar velho mantendo com orgulho sua identidade. O presente que se interpõe entre o vovô e o netinho se chama de contato. O contato com os brancos significa invasões, disgregação cultural, doenças, epidemias e mortes, quer dizer etnocídio e genocídio.

Toreke e o povo yanomami conseguirão sobreviver física e culturalmente ao contato com o selvagem homem branco? Nesta pergunta está resumida toda minha preocupação e angústia. A resposta será dada pelos estudantes aos quais hoje dirijo este livro, os homens e as mulheres da sociedade de amanhã. Suas atitudes e decisões, direta ou indiretamente, determinarão o destino dos Yanomami e demais povos indígenas. Eu tenho um sonho. No meu sonho não há estrangeiros defendendo os Yanomami contra a ganância de alguns brasileiros, e defendendo também quem sabe quais outros escusos interesses. No meu sonho há brasileiros amando e respeitando os índios brasileiros.

Espero também que este livro seja usado nas escolas indígenas, a fim de que os Yanomami sejam conhecidos por seus parentes e que estes se animem a também produzirem trabalhos parecidos, que contribuam para a valorização e preservação de suas culturas.

A handwritten signature in black ink, reading "Lorette". The script is cursive and fluid, with the first letter 'L' being particularly large and stylized.

(que era uma estrangeira, mas naturalizou-se brasileira)

DADOS GERAIS

Os Yanomami ocupam uma área de floresta tropical na região de fronteira entre o Brasil e a Venezuela. No Brasil eles vivem em malocas situadas nos Estados de Roraima e do Amazonas, a grande maioria das quais está localizada ao norte do traçado da rodovia Perimetral Norte, na região do Maciço das Guianas. Essa área está contida num quadrado, que tem como limites: ao sul $00^{\circ}20'S$, ao norte o paralelo $5^{\circ}N$, a oeste o meridiano $66^{\circ}30'W$ e a leste o meridiano $61^{\circ}15'W$, numa extensão contínua de 94.191 km^2 . Para designar os Yanomami foram usadas várias denominações, entre as quais: Waika, Guaika, Xiriana, Xirixana, Xamatari, Pakitai, Parahuri, Guajaribos, Karimé, Yawári. De acordo com a classificação de Migliazza (1972), a família lingüística yanomami é formada por quatro subgrupos, cada um com dialetos: Sanýma (ou Sanumá), Yanam (ou Ninam), Yanomam (ou Yãnomamè, ou Yainoma), Yanomamý (ou Yanomamo). Até agosto de 1987 podíamos ainda dizer que "os Yanomami constituem o maior grupo ainda em grande parte isolado do contato com a sociedade envolvente, tendo, inclusive, grupos arredios. Vivem segundo seus padrões culturais tradicionais. Nos dois países, os Yanomami totalizam uma população de aproximadamente 20.000 indígenas. No Brasil, estima-se que haja 9.000 indivíduos, sendo que cerca de 7.500 estão localizados no Estado de Roraima".

Em agosto de 1987 cinco Yanomami foram massacrados por garimpeiros que invadiram a área indígena Paapi U. Dizendo-se preocupada com a integridade física das pessoas que trabalhavam na área, e prometendo evacuar os garimpeiros, a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) retirou do território yanomami profissionais de saúde, cientistas, pesquisadores e missionários. A medida alcançou dois resultados: encorajou garimpeiros de todo o Brasil a invadirem maciçamente o território yanomami e isolou completamente os índios de seus aliados. Daqui para frente a imprensa local e nacional começa a noticiar doenças, epidemias, mortes de Yanomami, até envenenados pelas águas poluídas pela garimpagem, ou assassinados pelas armas de fogo dos invasores, e a situação tomou as proporções de uma grande tragédia.

DADOS GERAIS

O Censo Indígena na Venezuela, realizado de fevereiro a outubro de 1992 e divulgado em janeiro de 1993 pelo Consulado General de Venezuela em Boa Vista, fala de 15.193 Yanomami venezuelanos. Após a maciça invasão garimpeira começada em 1987, quantos Yanomami sobrevivem no Brasil? Não sabemos.

Para tentar reverter a trágica situação de invasão, e após muitos anos de luta travada por organizações indígenas e entidades de apoio aos índios para garantir que a área tradicionalmente ocupada pelos Yanomami fosse protegida juridicamente e de forma contínua, aos 25 de maio de 1992, através de Decreto, o Presidente da República homologou a demarcação administrativa da Terra Indígena Yanomami.

MAPA DA TERRA INDÍGENA YANOMAMI



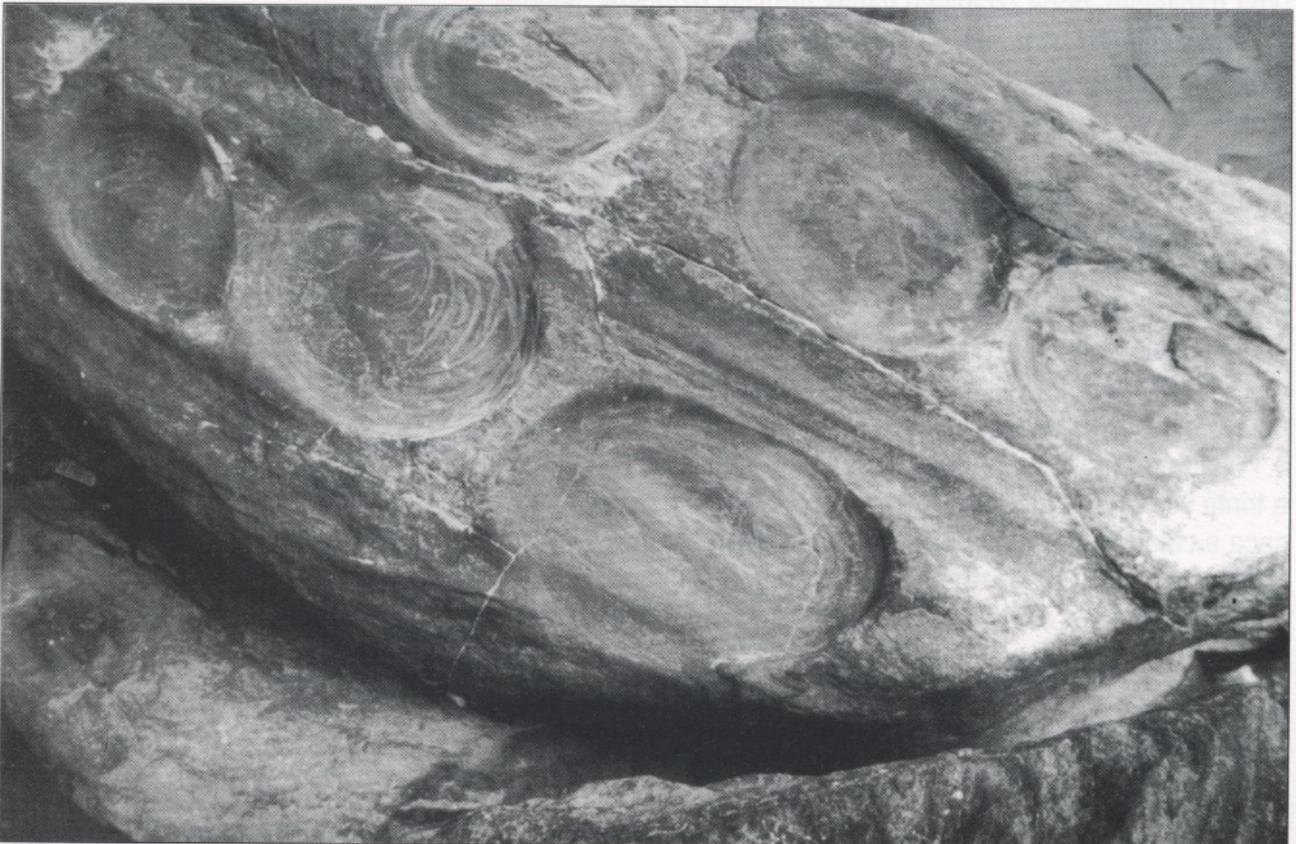
DADOS HISTÓRICOS

Os primeiros contatos que os Yanomami tiveram com a sociedade envolvente, dos quais temos notícias, foram registrados em relatos de exploradores e documentos de membros de expedições científicas que percorreram a região.

- 1787 - A Comissão de Limites Portuguesa (Gama, Lobo d'Almada) assinala a presença de índios "Oayacas" na região das cabeceiras do rio Parima.
- 1838/1839 - R.H. Schomburgk encontra índios Xirixana nas regiões dos rios Parima, alto Uraricoera e Ilha de Maracá.
- 1860 - A. von Humboldt assinala a presença de Waika na região do rio Orinoco.
- 1912 - T. Koch-Grünberg encontra Waika na região dos rios Uraricoera, Aracá, Marari, Marauíá, Cauaburis.
- 1919/1920 - A. Hamilton Rice assinala a presença de Waika na região dos rios Orinoco, Parima e Uraricoera.
- 1929/1930 - G. Salathé encontra índios Karimé na região do médio rio Catrimâni.
- 1930 - D. Holdridge localiza Waika na região dos rios Catrimâni e Demini.
- 1930 - Alguns balateiros, utilizando mão-de-obra indígena, exploram a bacia do médio rio Catrimâni. Durante uma festa matam alguns Yanomami e fogem.
- 1944 - A.C. Ferreira Reis, sobrevoando a área, constata a presença de malocas Waika na região dos rios Lobo d'Almada, Toototobi, Mucajaí, Mapulaú e Catrimâni.
- 1944 - Brás Dias de Aguiar constata a presença de Waika na região dos rios Catrimâni, Lobo d' Almada, Toototobi, Mucajaí e Mapulaú.
- 1959 - O aventureiro Pacheco visita o alto rio Catrimâni e fica retido pelos indígenas durante treze meses.

Ocupação Territorial

A Santa de Parana é o núcleo central do universo yanomami, o centro de onde se expandem. De as famílias de uma família geralmente, mas em outras, a comunidade que existe entre as famílias da família tomiana de Escudo (francês, espanhol, português, italiano, tomano, etc.) pode-se dizer que também começa a se diferenciar há um mês ou três mil anos (Lujan, 1982: 82). A ramificação em duas famílias da família indígena yanomami é a prova irrefutável de que há um grupo é esse povo e de sua remota e antiga ocupação da área. Esta evidência é reforçada pela própria tradição oral dos indígenas. (Grimbert, 1982: 100)



"Kawahi pora" (cachoeira do Poraquê) : "rastros dos antepassados".

OCUPAÇÃO TERRITORIAL

A Serra do Parima é o núcleo secular do universo yanomami, o centro de onde se expandiram. "Se as línguas de uma família apresentam, mais ou menos, a semelhança que existe entre as línguas da família românica da Europa (francês, espanhol, português, italiano, romeno, etc.) pode-se supor que tenham começado a se diferenciar há um dois ou três mil anos" (Urban, 1992:89). A ramificação em quatro línguas da família lingüística yanomami é a prova irrefutável de quanto antigo é esse povo e de sua remota e milenar ocupação da área. Esta evidência é reforçada pela própria tradição oral dos indígenas.

Geralmente, cada maloca yanomami compreende apenas uma habitação, onde coabitam várias famílias extensas, ligadas por laços de intercasamentos, num total que varia de trinta a cem indivíduos. As malocas mais próximas formam conjuntos de grupos locais, que mantêm entre si contatos intensos, com relações sociais e rituais freqüentes, constantes intercâmbios, trocas de bens e alianças matrimoniais.

Nas proximidades da habitação, os indígenas utilizam uma área para abrir roças, onde cultivam alimentos, plantas usadas na produção de artefatos, plantas às quais atribuem poder mágico. Quase diariamente, os Yanomami utilizam uma área de trinta km. de diâmetro para caçar, pescar, coletar frutos e matérias primas para produção de artefatos.

Cada quatro a oito anos, os grupos locais se deslocam de dez a trinta km. em razão do esgotamento da terra e do potencial de caça e coleta, mortes ou epidemias, hostilidades entre as comunidades. As roças abandonadas são usadas ainda por muitos anos, para colheita de alguns dos produtos anteriormente cultivados. Após um período de recuperação ecológica, a área pode ser novamente ocupada pelo mesmo ou outro grupo local. As áreas entre malocas, e entre conjuntos de malocas, estão interligadas por trilhas, acampamentos de caça e de viagem, velhas roças. Estas áreas são visitadas e aproveitadas, são percorridas com familiaridade, têm nomes e alimentam a memória histórica e mitológica do grupo.

A mobilidade caracteriza o modo de vida dos Yanomami e essa forma peculiar de adaptação ao meio garante a regeneração dos recursos por eles explorados, bem como a quantidade e diversidade da flora e da fauna. Em outras palavras, podemos dizer que os Yanomami sempre respeitaram a natureza e mantiveram intacta a floresta até os dias de hoje: bem antes dos ocidentais descobrirem a ecologia, os indígenas a vivenciavam. Para os Yanomami a terra é o suporte de sua vida social, um recurso aproveitado culturalmente, e não apenas um meio de subsistência, uma fonte de recursos naturais. Por isso sua demarcação não podia ser fragmentada e limitada a pequenas ilhas abrangendo apenas as malocas e suas imediações.



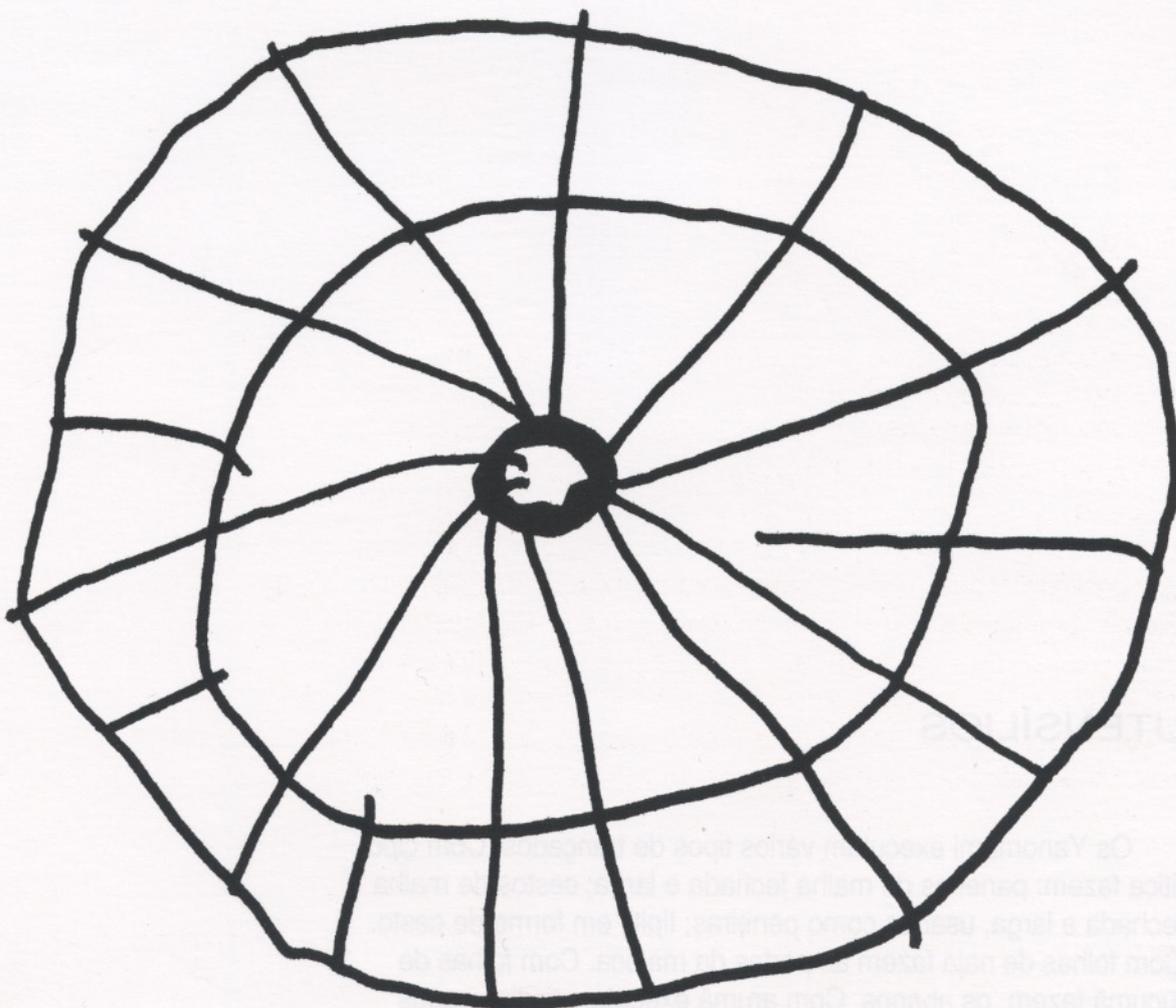
Família pronta para se deslocar no mato.

MALOCA

A maloca é de forma cônica, medindo até quarenta metros de diâmetro e catorze metros de altura. A estrutura é feita com madeira roliça amarrada, de preferência, com cipó-titica ou ambécoroa. É coberta com folhas de ubim fixadas a sarrafos de paxiubinha, que formam painéis de até três metros de comprimento. Os painéis são fixados à estrutura com envira. As paredes internas, às vezes, são reforçadas com madeira de açáí. Não há paredes divisórias. Existem de duas a três entradas principais, e outras menores para uso familiar. Fazem parte da casa comunitária jiraus para depósito de pertences e produtos da roça. A quase totalidade do trabalho de construção da maloca é executada pelos homens, cada um dos quais constrói a parte que servirá de abrigo à sua família.

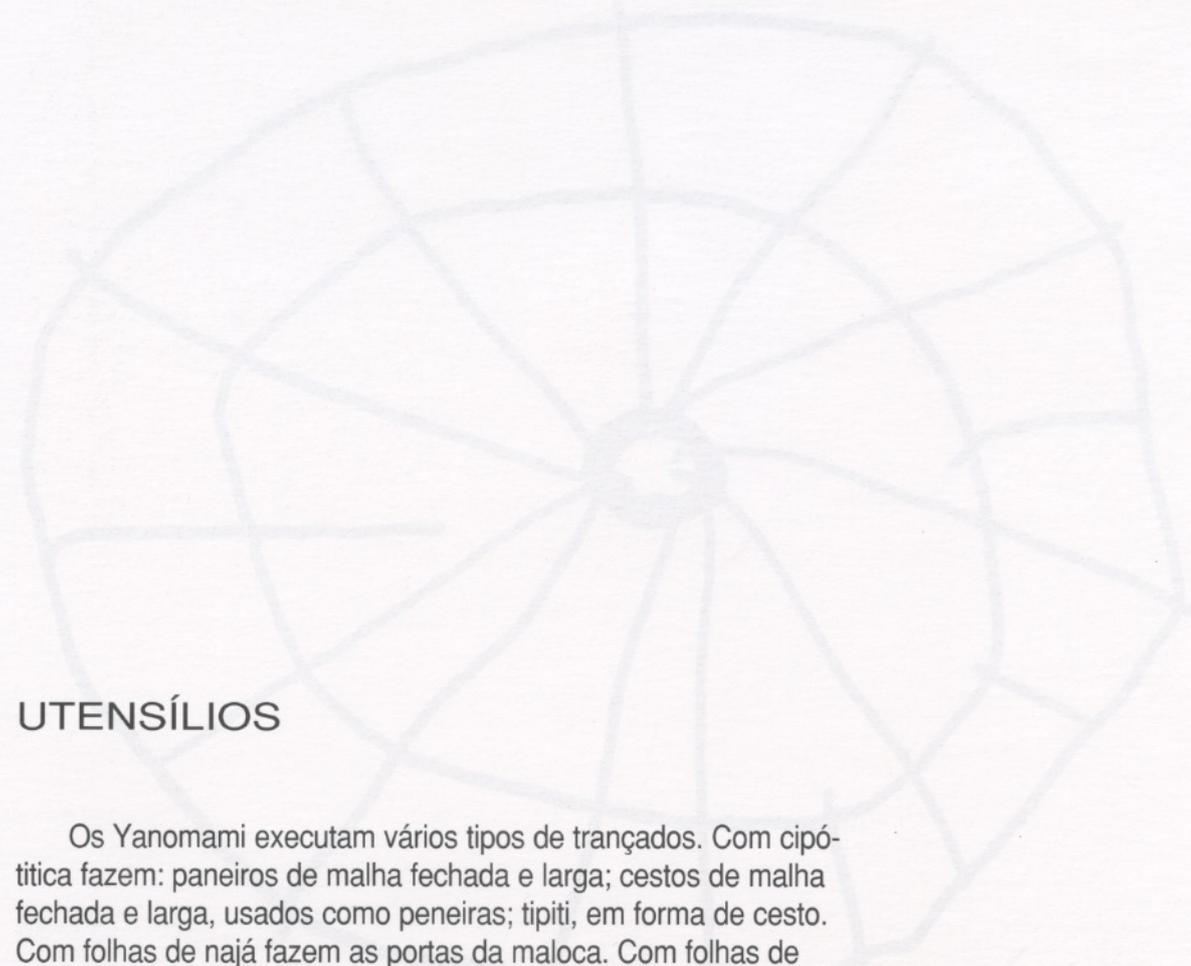


Foto da maloca dos Wakathautheri.



Desenho feito por Atriyãno Hewenahipitheri, representando a sua maloca.

A foto, batida por uma não-índia, e o desenho, feito por um Yanomami, nos evidenciam plasticamente as diferenças culturais existentes entre a visão ocidental e a indígena. A foto dá à maloca uma dimensão vertical. O desenho é uma verdadeira síntese etnológica: a grande casa comunitária, representada como um espaço horizontal, nos fala de uma sociedade onde não há camadas sociais sobrepostas, estados, classes, castas, elites, mas sim um grupo humano indiviso e paritário, que adotou um sistema social fundamentado no coletivismo e na igualdade.



UTENSÍLIOS

Os Yanomami executam vários tipos de trançados. Com cipó-titica fazem: paneiros de malha fechada e larga; cestos de malha fechada e larga, usados como peneiras; tipiti, em forma de cesto. Com folhas de najá fazem as portas da maloca. Com folhas de tucumã fazem os abanos. Com arumã executam tipitis usados nas festas. Para carregar as crianças no colo ou nas costas, usam-se tipóias geralmente feitas de envira, e, às vezes, de faixas de bananeira ou de outros vegetais.

As redes podem ser de envira, cipó-titica ou algodão. Alguns Yanomami estão começando a fazer os punhos nas redes de algodão. As cordas são de curauá ou envira. O fuso para fiar algodão é formado por uma haste de madeira dura enfiada num disco, que pode ser feito com: casca de jabuti ou tracajá, osso de pirarara ou pacamu, cabaça, beiju seco.

Com barro fazem panelas, em geral de forma levemente cônica, com o fundo arredondado, e pratos para cozinhar o beiju; para esse fim usam também chapas de pedra.

Entre os instrumentos de trabalho encontramos: mandíbula de queixada ou caititu, com a qual se alisa o arco; taboquinha, usada no lugar de faca e tesoura; casca de pintadinho, para afiar os dentes de cutia dos formões. Para recolher pupunha, os Yanomami sobem a árvore por meio de dois engenhos feitos com paus roliços amarrados com cipó em forma de xis; estes permitem subir sem encostar na árvore cheia de espinhos. Para subir nas árvores sem espinhos usam a paconha de vários tipos de cipó e outras fibras.



Mulher confeccionando um paneiro.



Mulher carregando menina com tipóia.

CAÇA

Uma das principais ocupações dos homens é a caça. Quase diariamente, sozinhos ou em pequenos grupos, eles penetram no mato com arco, três ou quatro flechas, estojo e faca. No estojo, além de pontas de flecha de reserva, carregam, às vezes, batatinhas mágicas para propiciar a caça e um par de formões de dentes de cutia que usam para refazer as pontas. Só praticam a caça diurna. Sabem muito bem arremedar bichos. Não usam armadilhas. Raros são aqueles que possuem espingardas; por isso os bichos não são ainda espantados e podem ser encontrados com relativa abundância perto das malocas.

Os animais comestíveis são: anta, queixada, caititu, veados, guariba, coatá, cairara, macaco-de-cheiro, macaco-da-noite, cuxiú, zogue-zogue, tatu-galinha, preguiças, esquilos, coati, paca, cutia, capivara, tamanduá-bandeira, mambira, tamanduá, jacarés, jabis, algumas espécies de cobras, jacamim, jacu, mutuns, kujubim, papagaios, tucanos, arajaris, araras, aracuão, inambus, pato.

Entre os animais de estimação encontram-se: papagaios, aves, macacos, esquilos, jabutis. Por serem criados, eles são considerados membros da família e nunca são mortos para serem comidos.

As penas e as peles de algumas aves são usadas para fazer brincos, braçadeiras, testeirolas. O urubu-rei e alguns gaviões são procurados só para tirar a penugem, que é usada como enfeite em festas e cerimoniais. Para mostrar sua habilidade, às vezes, o caçador pendura perto da sua rede caveiras e ossos dos bichos mortos por ele.

O arco é feito com madeira de pupunha ou bacaba e sua corda é de curauá. As flechas são feitas com cana-de-flecha e penas de mutum amarradas com fio de algodão. As pontas das flechas são: de taboca, para bichos grandes como anta, queixada, veado; envenenadas com "yakoana" para os macacos; de madeira e osso de macaco, para aves e peixes; de madeira com várias pontas, em forma de forquilha, para passarinhos. O estojo é de taboca, com tampa de couro, e é pendurado ao pescoço com corda de curauá, envira, ou algodão.

Desde cedo, os meninos são treinados para se tornarem bons caçadores. A partir de, mais ou menos, seis anos de idade, armados de arcos e flechas proporcionais ao próprio tamanho, eles vasculham as imediações da maloca, procurando passarinhos e lagartos. Aos nove-dez anos, ocasionalmente, os rapazes acompanham seus pais aprendendo a reconhecer os gritos e hábitos dos animais, e ajudando a carregar a caça. Por volta de quinze anos, eles já são experientes caçadores.



Menina com macaco de estimação.

Desde cedo as meninas são habituadas para se tornarem
bons caçadores. A partir de três ou quatro anos elas de
armas de arremesso e lâminas praticam no distrito
nas vastas áreas imbuídas de matos, procurando
passarinhos e lagartos. Nos locais onde ocasionalmente os
esportes acontecem, elas que aprendem a reconhecer as
formas e hábitos dos animais e plantas e caçar e cozinhar.
Vozes de crianças não são as mesmas das crianças.



Menina com esquilo de estimação.

PESSOA



Homens enfeitados com penugem de gavião.

PESCA

Os Yanomami estão se aproximando dos grandes rios para entrarem mais facilmente em contato com os não-índios, atraídos pelos bens materiais que estes possuem. A canoa tradicional, feita de casca de árvore com reforços de madeira e amarrada com cipó, está sendo substituída por ubás cavadas em troncos de árvores, mais resistentes e aptas à navegação em rios encachoeirados. Os rios maiores têm maior potencial de pesca. A introdução recente de anzóis de aço e linhas de náilon veio substituir o anzol feito com osso de canela de tatu e linha de curauá, e incrementou essa atividade. A pesca é praticada também com arco e flecha e com timbós.

A pesca com timbós é feita, geralmente, pelas mulheres na época seca, em lagos, riachos e pontos do rio onde corre pouca água. Usam timbó cultivado, ou uma espécie de cipó recolhido no mato. O timbó é esmagado com pau e colocado na água. Quando o peixe começa a boiar, recolhem-no com peneiras.

Os peixes mais comuns são: piranha-branca, piranha-preta, piranha-caju, surubim, jandiá, pacu, pacamu, filhote, pirandirá, mandubé, poraquê, raia, cará, mandi, cangati, sarapó, traíra, curimatá, cascudos.

Os Yanomami procuram também: tartaruga, tracajá, cabeçudo, perema, caranguejos, rãs. Na época da desova, geralmente em janeiro, passam nas praias para recolher ovos de tracajá e tartaruga.



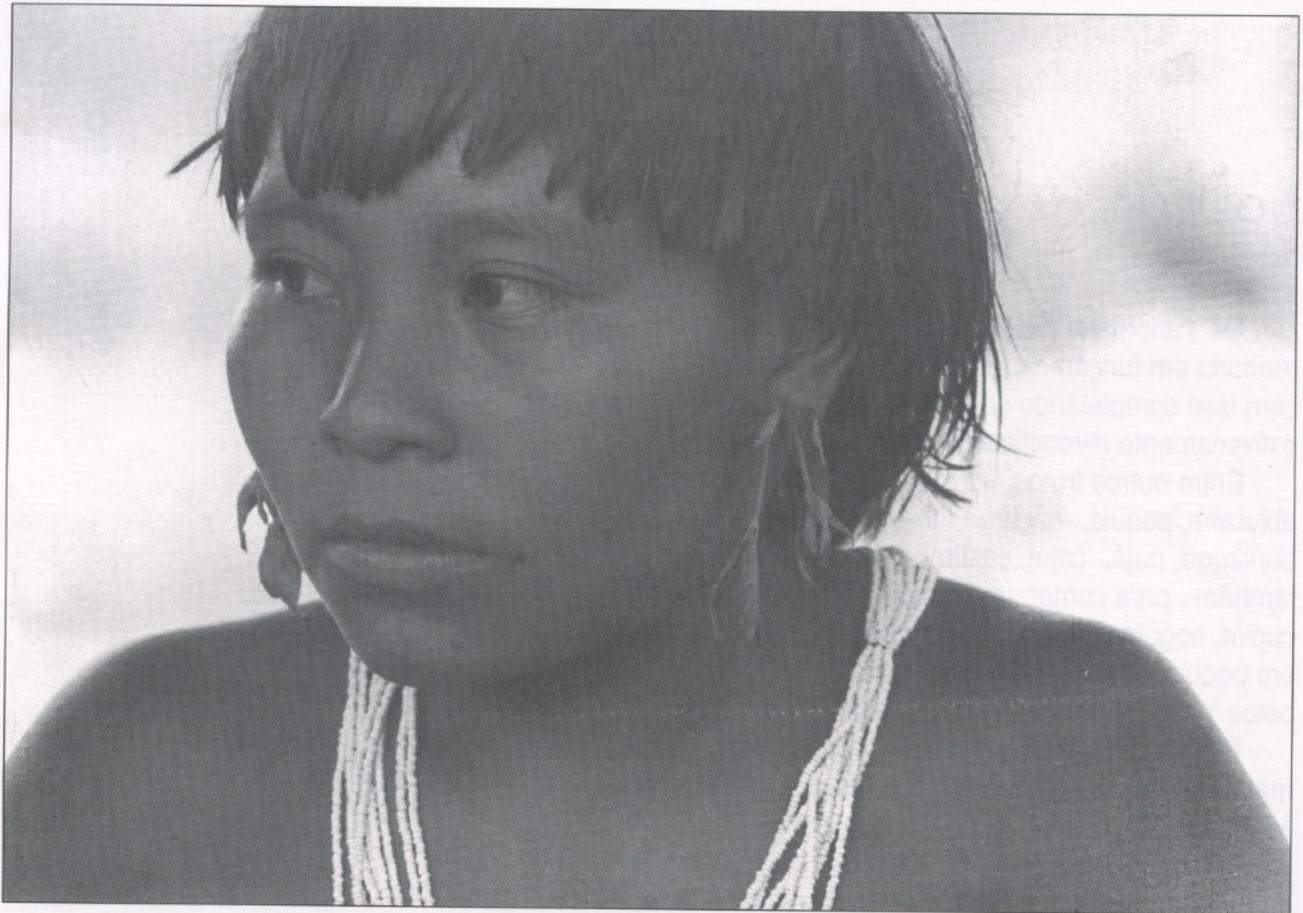
Canoa tradicional, no meio de ubás cavadas em troncos de árvores.

AGRICULTURA

Cada família cultiva sua roça. Na época seca, os homens derrubam o mato e queimam; em seguida limpam o terreno e plantam. As mulheres recolhem os produtos da roça e os levam para casa carregando-os em paneiros. Os genros têm a obrigação de preparar a roça dos sogros.

Os Yanomami cultivam: macaxeira, mandioca, pupunha, cana-de-açúcar, batatas-doces, cará, taioba, pimenta-malagueta, mamão, abacaxi, tabaco, urucu, cuia, cabaças. Há várias espécies de bananas que, com a mandioca, são o alimento básico: banana-comprida, pacovim, maçã, engana-ladrão, nanica, najá, macuca, são-tomé-roxa, são-tomé-branca. Recentemente alguns grupos locais começaram a plantar: coqueiros, goiabeiras, cajueiros, mangueiras, limoeiros, laranjeiras.

Para fabricar artefatos são cultivados: algodão, cana-de-flecha, curauá, do qual se obtêm fibras para fazer cordas. Ainda na roça são plantados: uma espécie de capim que, às vezes, misturam ao alucinógeno, usado em rituais e cerimônias; vegetais que produzem sementes e folhas usados para enfeitar-se, e outros aos quais atribuem poder mágico. Há, por exemplo, uma espécie de batatinha que ajuda as crianças a dormirem bem; outra espécie propicia seu saudável crescimento e desenvolvimento; outras batatinhas são afrodisíacas; têm das que tornam valentes os homens; outras ainda propiciam a caça.



Mulher com brincos de capim afrodisíaco cultivado na roça.

COLETA

Os Yanomami exploram as diversas zonas ecológicas de seu território em função da alternância sazonal dos produtos vegetais, com isso completando sua alimentação com um número extremamente diversificado de produtos de coleta.

Entre outros frutos, no mato são recolhidos: ingás, cacau, abiurana, pequiá, maçaranduba, bacaba, patauá, açai, buriti, buritirana, najá, cajuí, castanha-do-pará, cupuaí. Recolhem também, para comer: um tipo de lagarta, larva das palmeiras, cupim, cogumelos, mel. Esses produtos, mesmo que coletados em pequenas quantidades, constituem iguarias muito apreciadas pelos Yanomami, assegurando-lhes uma dieta variada.

Entre outras matérias primas, recolhem-se: cipós, enviras, madeiras, folha de ubim, fibras, cascas, tabocas, óleo de copaíba, resina de jutaí, sorva, barro, alucinógenos.

Nestes últimos anos, em algumas áreas o extrativismo de cipó, sorva, castanha-do-pará, óleo de copaíba e cumaru tornou-se importante fonte econômica.

BRINCADEIRAS

As crianças yanomami brincam criando os atores em suas atividades, assim que brincado, elas aprendem a viver. Como fossem bonecas, as marionetes carregam no colo, com fitas, casacas ou flores de barbaqueas. Casacos e barbaqueas são confeccionados para elas. Aí, elas são brincadas.



Coleta de castanha-do-pará.

BRINCADEIRAS

As crianças yanomami brincam imitando os adultos em suas atividades, assim que, brincando, elas aprendem a viver. Como fossem bonecas, as meninas carregam no colo, com tipóias, cabaças ou flores de bananeiras. Cestos e paneiros pequenos são confeccionados para elas. Arcos e flechas são proporcionais ao tamanho dos meninos, que brincam também com machadinhos feitos com omoplata de veado, ou de queixada, ou de jabuti. A omoplata é segurada ao cabo de madeira com corda de curauá.

Para brincar são produzidos também: aviões de madeira; barquinhos de madeira ou de cascas; pínulas de palha, que são lançadas; bolas feitas com bexiga de animais; zunidores, formados por duas pranchetas chatas e compridas amarradas a um barbante, que, feitas rodar rapidamente, produzem sons. As pranchetas podem ser feitas com três diferentes espécies de madeira, entre as quais o cedro. Com dois caroços, um pauzinho e barbante é feito outro brinquedo: puxando rapidamente o barbante, um dos dois caroços gira e torna a enrolar o barbante. Numa brincadeira divertida, um menino senta no cacho protetor da fruta do najá, enquanto um outro dá voltas fazendo girar rapidamente o cacho. Para crianças muito pequenas, um conjunto de cabacinhas, que podem ser de duas espécies, são seguradas por um barbante; mexidas, elas produzem barulho.

Os adultos também brincam: dois grupinhos de pessoas, às vezes, se desafiam puxando pelas extremidades um grosso e comprido cipó. Nas horas do lazer e descanso, também produzem sons com folhas de najá, ou tocam flautas de taboca, ou de canela de veado ou onça.

A criança nasce fora do útero ou no parto. Ela nasce em
tão ou pouco antes de atingir o período de gestação de 38 semanas.
Então, depois de quatro meses de vida, ela já nasce em condições
de matar e morrer. Com ela, tu nasce uma nova vida, mas
muitas são as dificuldades para ela, pois logo depois do parto
há o risco de morte, pois ela nasce em condições de
morrer.

Quando pela primeira vez, a criança faz movimentos e
começa a respirar, um longo tempo de espera, pois ela
está ligada à sua mãe. Ela é criada pela mãe em
suas necessidades, tanto que registra todas as
situações. Essas tentativas não costumam ser bem
sucedidas e que a criança se frustra. Ela
reaprende um período de formação e de introdução à sua
nova vida de vida. Após a segunda menstruação, a mãe sai do
seio e pode começar o casamento, que, geralmente, há
depois de dois anos. Ao ser-lhe prometida a esposa,
ela volta dos dois anos e começa a compreender a



Meninas carregando bonecas.

CALENDÁRIO DA VIDA

A criança nasce fora da maloca ou no mato. Ela mama até três ou quatro anos de idade, quando cede o peito ao irmão menor. Entre dois e quatro anos de idade são furadas as orelhas de meninos e meninas. Com oito ou nove anos de idade, nas meninas são praticados furos em três pontos logo abaixo do lábio inferior e no septo nasal, onde enfiarão hastes ou penas decorativas.

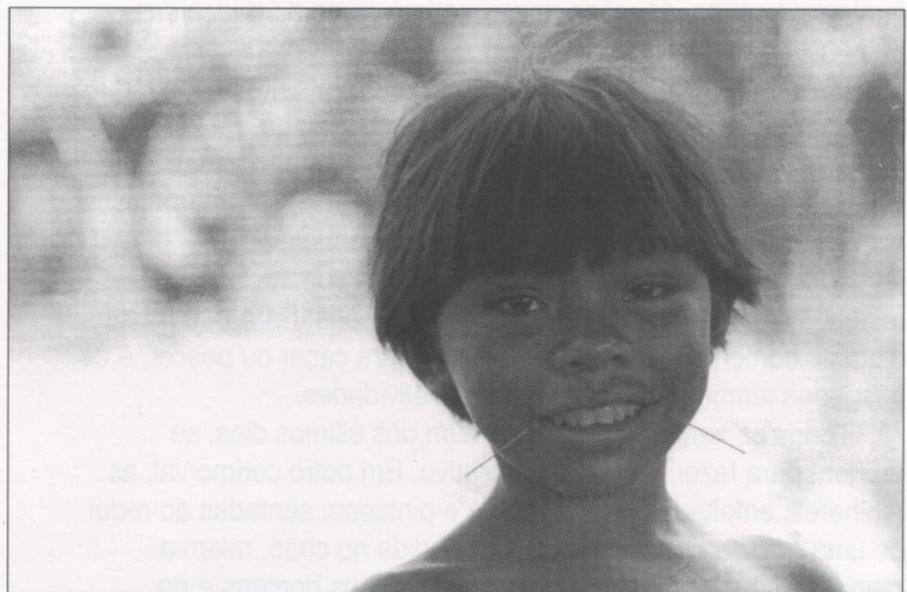
Quando, pela primeira vez, a mocinha fica menstruada é construído rapidamente um abrigo dentro da maloca, perto da área reservada à sua família extensa. Ela é servida pela mãe em suas necessidades, tendo que respeitar certas restrições alimentares. Nessa temporada não conversa com ninguém, só fica escutando o que a comunidade lhe transmite, isso representando um período de formação e de introdução à sua nova vida de adulta. Após a segunda menstruação, a moça sai do abrigo e pode consumir o casamento, que, geralmente, já foi pactuado pelos pais dos noivos. Ao ser-lhe prometida a esposa, por volta dos dezoito anos, o rapaz assume o compromisso de prestar determinados serviços para os futuros sogros, entre os quais preparar sua roça.

O xamã é o intermediário entre os homens e os espíritos. O xamanismo é prerrogativa dos homens, com raras exceções. Se o homem deseja ser xamã, é treinado pelos outros xamãs durante vários rituais.

Quando alguém morre, seu corpo é colocado em posição fetal, embrulhado em sua rede e guardado dentro de um féretro de paus, que é suspenso entre duas árvores no mato. Todos choram. Os parentes próximos cortam o cabelo e as mulheres pintam o rosto de preto. Os pertences do morto são queimados ou destruídos. Queimam-se os tapiris de caça onde ele pernitoiu. Destrói-se a plantação feita por ele. Procura-se apagar os rastos. Quando a carne do morto tiver apodrecido, põem-se os ossos numa cesta e a cesta é colocada na fogueira, no meio da maloca. Uma vez queimados, os ossos são esmagados num pilão. As cinzas são recolhidas numa cabaça e guardadas pelos parentes mais próximos. Em seguida, são organizadas festas durante as quais uma parte das cinzas é misturada a mingau de banana e tomada. Em áreas mais afetadas pelo contato, devido à interferência da pretensa superioridade cultural dos não-índios, as cinzas já não são mais tomadas, mas apenas enterradas no lugar onde a família do morto faz o fogo.



Menino com orelhas recém-furadas.



Menina com enfeite labial.

FESTA

Em preparação às festas, o grupo local se desloca por vários dias longe da maloca. Os homens se dedicam à caça e as mulheres à coleta. A carne é logo moqueada para ser guardada até o fim da festa. De volta à maloca, alguém vai avisar os hóspedes e regressa com eles.

Nem todas as festas seguem os mesmos moldes. Elas podem durar de três a oito dias. Durante a primeira noite é efetuado um diálogo cerimonial cantado. Esse diálogo se dá entre um convidado e um membro do grupo que organiza a festa. Os pares se revezam no meio da maloca até o amanhecer. Sentados e abraçados, através de seus cantos efetuam uma animada e pormenorizada troca de notícias e informações. Nas outras noites se executam danças, que são de vários tipos. Às vezes dançam somente as mulheres; de mãos dadas, em grupinhos, dão alguns passos para frente e outros para trás, repetindo o refrão entoado por uma delas. Outras vezes dançam somente os homens; agrupados, agitando numa mão flecha ou terçado, dão voltas no pátio interno da maloca, cantando refrões diferentes daqueles das mulheres. Mais raramente executa-se uma dança de casais, na qual os parceiros, de mãos dadas, rodam como na dança dos homens, cantando.

Durante o dia é oferecido a todos um abundante mingau, que pode ser de banana, pupunha, macaxeira ou taioba. Às vezes é oferecido vinho de açaí ou de bacaba. Nunca são tomadas bebidas alcólicas. Os homens oferecem-se reciprocamente esse alimento que ninguém se recusa a tomar, sendo isso um verdadeiro desafio que acaba provocando o vômito. Esses mingaus são preparados pelos jovens homens. Para o resto da dieta os homens ou as mulheres saem para caçar ou pescar, e os hóspedes também participam dessas atividades.

Todos os xamãs, geralmente num dos últimos dias, se reúnem para fazer xamanismo coletivo. Em outro cerimonial, as mulheres, enfeitadas com plumária e pintadas, sentadas ao redor de uma grande casca de árvore estendida no chão, ralam a mandioca. A massa é espremida pelos jovens homens e na véspera do encerramento as mulheres preparam o beiju.

Na manhã do último dia da festa, os homens aspiram pó de “yakoana”, ou mandam alguém insuflar esse alucinógeno em sua narina por uma sarabatana. Logo após, enquanto as mulheres choram, um pouco das cinzas do morto são misturadas a mingau de banana e tomadas; ou são enterradas, por um grupo de seus parentes e afins, no lugar onde a família do morto faz o fogo. Quando o efeito do alucinógeno está para acabar, os homens, aos pares, fazem o último canto cerimonial em que encerram as negociações e reafirmam pedidos e promessas. Enfim, são distribuídos aos hóspedes abundantes porções de carne moqueada e beijos novos, logo antes deles enfrentarem a viagem de volta às suas malocas.

COSMOLOGIA

Os mitos variam bastante de uma a outra área indígena. Em alguns grupos locais e até mesmo entre indivíduos do mesmo grupo, há-se de notar as variações de sua experiência. A personalidade é influenciada. O universo é formado por três camadas de fenômenos. Há de cinco níveis as diferenças e entre indivíduos como o



Hóspedes chegando.

COSMOLOGIA

Os mitos variam bastante de uma a outra área lingüística, entre grupos locais e até mesmo entre indivíduos do mesmo grupo, que os modificam ao sabor de sua experiência, personalidade e criatividade.

O universo é formado por três camadas de terra sobrepostas. Na de cima moram os defuntos e seres mitológicos como o Trovão e o Relâmpago. Abaixo da camada estão uma série de espíritos que a seguram para evitar que caia, pois é velha e rachada. Aí andam também os seres Lua e Sol. Na camada do meio vivem os homens e um grande número de espíritos. Praticamente todas as coisas, animadas ou não, possuem espírito. Todos os homens possuem um alter ego (outro eu), que vive uma vida paralela sem nunca se encontrar com o indivíduo. A morte do alter ego causa a morte do homem com o qual se relaciona. Na camada de baixo se repete a situação da camada do meio, havendo ainda temidos seres carnívoros.

Os primeiros homens, Omã e Yoasi, eram dois irmãos. Não havendo mulheres, Omã copulou na perna de Yoasi, atrás do joelho, e a perna ficou grávida, vindo a nascer um menino. A primeira mulher foi pescada por Omã no poço de uma cachoeira. O pai dela era uma enorme sucuriju e foi ele que forneceu a Omã as primeiras plantas para cultivar.

Antigamente não havia bichos. Os primeiros seres humanos se transformaram em bichos. Só o jacaré Iyo e sua mulher, a rã Raeraemè, possuíam o fogo e o guardavam escondido na boca e nas axilas. Os outros só comiam alimentos crus. O Beija-flor e outros seres fizeram uma dança engraçada na frente do jacaré e o fizeram rir. Aproveitando o fato dele ter aberto a boca, pegaram rapidamente o fogo e o puseram em algumas árvores, com a madeira das quais ainda hoje os Yanomami produzem o fogo.

ACORDANDO NUMA MALOCA YANOMAMI

Discretamente, os primeiros raios de luz penetram na maloca adormecida. Silenciosamente, os caçadores com arco, duas ou três flechas e faca, saem encontro ao mato e às fartas caças. Em tom baixo, começam as conversas, para não incomodar quem dorme ainda. Um homem, devagarzinho e com cuidado, varre o chão, enquanto a mulher esquenta a comida que sobrou da janta. Alguém come. Alguém docemente na rede se balança. Uma mulher, sentada no chão, rala a mandioca já descascada e lavada. A vizinha, segurando o tipiti entre as coxas, espreme massa ralada. Outra, sentada na rede, abana o fogo e cozinha beiju em cima duma chapa de metal.

Algumas mulheres saem para ir recolher algo na roça: o filho menor no colo; outro filhinho sentado no paneiro que carregam nas costas e que seguram com uma alça de envira passada na cabeça; os filhos maiores atrás delas, um atrás do outro, enfileirados. Alguns solteiros e jovens homens resolvem cortar o cabelo. Pacientemente, um deles corta o cabelo de todos, entre piadas e risadas alegres. Os solteiros se reúnem em seguida no local onde alguns deles estão morando e, sentados ou balançando nas redes, se pintam, se penteiam, se espelham, lançando de vez em quando uma exclamação de alegria, amavelmente conversando entre si.

De repente, o grito de alguém alerta o grupo contra o “perigo”: “Um beija-flor entrou na maloca!”. É um verdadeiro grito de guerra: homens, mulheres e crianças se armam de paus, vassouras, arcos e flechas sem pontas. Na animação crescente, o coitado espantado persegue e, inutilmente, tentam afugentar. A guerra dura uns vinte minutos. Quando, enfim, o beija-flor alcança uma das portas da maloca e se manda, os guerreiros alcançam as redes e, suados, mortos de cansaço, sem fôlego, imploram o justo descanso.

Uma mulher, deitada na rede de barriga pra baixo, amolda conchas esfregando-as contra uma pedra encaixada no chão; com elas enfeitará a sua tanga e as das filhinhas. Um homem volta da roça com folhas de curauá. Segurando uma extremidade a um pau, com puxadas seguras e rápidas as desfia. Coloca depois as fibras perto da fogueira, no alto, para secar. A mais velha do grupo conversa com o macaquinho de estimação, enquanto amarra para ele uma banana no pau por onde o bichinho anda e se balança o dia inteiro.

Um barulho que vem de longe anuncia que a chuva está chegando. Ela irrompe no pátio central da maloca pela grande abertura do teto. É a ocasião para os meninos fazerem o jogo mais animado e divertido: se rolam no chão e emergem barrentos, correm para a chuva, que rapidamente os limpa, e de novo se jogam no lodo, felizes, contentes, rindo, cantando.

Tem mulher que fia algodão; tem outra que, com cipó-titica e mãos ágeis, confecciona um cesto que usará como prato, para depósito de comida. Alguém está voltando da coleta no mato e da caça. Gritos de alegria acolhem o pessoal e suas cargas. Vozes murmuram: “É anta!”. “É bacaba!”. “É mel!”. As mulheres que querem comer anta e as parentes dos que também querem comê-la, sentam perto do local onde a carne está sendo espedaçada, para cada uma delas ter direito a um pedaço. Quem recolheu fruta ou mel prepara várias porções e as distribui entre parentes e hóspedes.

Quando o dia já está para acabar, um grupo de mulheres vai até a roça para recolher lenha. Voltam carregadas até o incrível. Jogado no chão o pesadíssimo panelaço, alimentam as fogueiras ou as acendem indo buscar um tição da fogueira mais próxima. Quando já está escuro, todo mundo deitado, os fogos acesos, alguém ainda comendo, começam as conversas: comentando os fatos do dia, planejando o dia de amanhã, rindo de tudo o que de engraçado se deu ou se falou. Um fala, o outro escuta, o outro intervém, a mulher sugerindo ao marido o que deve dizer: horas de ternura e descontração.

Quando a conversa morre e o sono começa a chegar, deixando assim aos outros a liberdade de escutar ou não, um dos anciãos faz um longo discurso: dá dicas, sugestões e informações; ele transmite assim para os mais novos seus conhecimentos, sua sabedoria, sua filosofia, que já foram dos antepassados. Quando tudo é silêncio, quando olho para a grande abertura do teto e estrelas brilhantes enxergo, só eu branca, no meio dos pagãos amigos vermelhos, longe dos que falam de Deus, posso até ouvir a voz de Deus (Emiri, 1992:31-32).

BIBLIOGRAFIA YANOMAMI

Existe uma extensa bibliografia referente aos Yanomami: estudos antropológicos, etnográficos, lingüísticos, de saúde; trabalhos estes que foram realizados em inglês, francês, alemão, italiano, japonês, espanhol, português. Frente uma bibliografia tão rica e extensa, resolvi colocar a seguir somente os trabalhos em língua portuguesa, no intuito de propiciar uma aproximação imediata aos Yanomami.

AGUIAR, B.D. de

- 1944 - *Geografia Amazônica nas Fronteiras do Norte*,
"Revista Brasileira de Geografia", ano VI, n. 3, Rio de Janeiro.

ALMEIDA BERNO, A.W. de; MAORÃO, L.

- s.d. - *O Processo de Ocupação Recente de Roraima - Notas a um Projeto de Pesquisa*,
(projeto de pesquisa elaborado em 1976), mimeo.

BECHER, H.

- 1956 - *Tribos Existentes entre o Rio Catrimâni e o Rio Negro*,
"Rev. Antrop.", 4 (2):158-159, São Paulo;
1957 - *A Importância da Banana entre os Índios Surára e Pakidái*,
"Rev. Antrop.", 5(2):192-194, São Paulo;
1959 - *Algumas Notas sobre a Religião e a Mitologia dos Surára*,
"Rev. Mus. Paulista", n. ser., 11:99-107.

BELFORT, R.; MORAES, M.

- s.d. - *Oncocercose Ocular no Brasil*,
(pesquisa feita em janeiro de 1977 entre os índios Yanomami do Território Federal de Roraima), mimeo.

BORGMAN, D.M.

- 1976 - *Gramática Pedagógica Sanuma*,
Missão Evangélica da Amazônia, Boa Vista (RR).

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO

- 1981 - *A Questão da Terra Indígena*,
Global, São Paulo.

DINIZ, E.S.

- 1969 - *Aspectos das Relações Sociais entre os Yanomamö do Rio Catrimâni*,
"Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi", Belém.

FERREIRA REIS, A.C.

- 1944 - *As Cabeceiras do Orinoco e a Fronteira Brasileiro-Venezolana*,
"Revista Brasileira de Geografia", ano VI, n. 2, Rio de Janeiro.

FREITAS LEITE, Y. de

- 1976 - *Relatório do Seminário de Ortografia para as Línguas Yanomámi e Makuxi*,
Museu Nacional, Rio de Janeiro.

FUNAI - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

- 1977 - *Levantamento Aéreo Yanomami feito pelo Sub-grupo de Trabalho "XVIII - Roraima", Relatório*, de acordo com a Portaria n. 304/P de 17/6/77;
- 1980 - *Parque Indígena Yanomami, Documento*, Brasília;
- 1984 - *Terra Indígena Yanomami, Documentos*, Brasília.

HAMILTON RICE, A.

- 1978 - *Exploração na Guiana Brasileira*, Ed. Itatiaia, São Paulo.

LOBO D'ALMADA, M. da Gama

- 1861 - *Descrição Relativa ao Rio Branco e seu Território*, "Rev. do Inst. Hist., Geogr. e Etnog. do Brasil", XXIV, Rio de Janeiro.

MELATTI, J.C.

- 1983 - *Índios do Brasil*, Hucitec, São Paulo.

MEVA - MISSÃO EVANGÉLICA DA AMAZÔNIA

- 1983 - *Dicionário Sanuma, grupo Yanomami*, (dicionário Sanumá-Português-Inglês), MEVA, Boa Vista (RR).

MIGLIAZZA, E.C.

- 1962 - *Análise de um Pequeno Corpo Lingüístico Xiriana nos Sistemas Tagmêmico e Generativo*, Indiana University;
- 1963 - *Excertos Lingüísticos e um Excerto Xiriana*, Indiana University;
- 1964 - *Notas sobre a Organização Social dos Xiriana do Rio Uraricaá*, "Bol. Mus. Pa. Emilio Goeldi", Antrop., 22, n. ser., Belém;
- 1967 - *Grupos Lingüísticos do Território Federal de Roraima*, "Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica - Belém 1966", Cons. Nac. Pesquisas, vol. 2, Antropologia: 153-173, Ed. Herman Lent, Rio de Janeiro;
- 1970 - *Território de Roraima e Alto Orinoco - População Indígena*, Mapa 1:1.000.000, 1970.

MISSÕES NOVAS TRIBOS DO BRASIL

- s.d. - *Vamos Ler Yanomami*, n.1/2/3;
- s.d. - *Histórias da Bíblia*.

MORAES, M.; CHAVES, G.M.

- 1974 - *Um Caso de Oncocercose no Território de Roraima, Brasil*, "Revista Inst. Med. Trop.", n. 16, São Paulo.

- MORAES, M.; DIAS, L.B.
 1972 - *Oncocercose no Estado do Amazonas*,
 "Rev. Inst. Med. Trop.", n. 14, São Paulo.
- MORAES, M.; FRAIHA, H.; CHAVES, G.M.
 1974 - *Oncocercose no Brasil*,
 "Bol. Of. San. Panam.", n. 76.
- NIMUENDAJU, C.
 1981 - *Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendaju*,
 IBGE;
 1987 - *Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendaju*,
 (2ª impressão), IBGE, Rio de Janeiro.
- PAIXÃO, A.M. da
 1977 - *Viagem de Estudo no Território Yanomami, Cumprindo Determinação da Portaria n. 252/P de 6/5/1977 e Conforme Solicitação Contida no Processo FUNAI/BSB n. 4585/76, Relatório*, DGPC-FUNAI.
- POLI, J.
 s.d. - *Habitat, Classificação Lingüística e Estudo Fonêmico da Língua Korihanatheri*,
 (traduzido do inglês pela Missão Catrimâni).
- RADAMBRASIL, Projeto
 1975 - *Levantamento de Recursos Naturais*,
 vol. 8 e vol. 11 (com mapas de uso potencial da terra).
- RAMOS, A.R.
 1975 - *Manual para Treinamento na Língua Yanomam*,
 (com fita gravada), Universidade de Brasília, Brasília;
 1977 - *Descendência e Afinidade*,
 UnB, Brasília;
 1980 - *Hierarquia e Simbiose: Relações Intertribais no Brasil*,
 Hicitec, São Paulo.

SALZANO, F.M.

1975 - *Pindorama, a Inocência Perdida*,
Vozes.

SAMPAIO SILVA, O.

1978 - *Os Yanoama - Denominações de um Povo sem Esperança*,
(pesquisa de campo realizada em 1976 por SUDAM-SERETE e
apresentada com autorização da SUDAM no Simpósio sobre
Indigenismo, XI Reunião Brasileira de Antropologia, Recife, 7-9/5/1978);

1980 - *Os Grupos Tribais do Território de Roraima*,
(pesquisa de campo realizada para SERETE/SUDAM em 8-9/1976),
"Revista de Antropologia", USP-FF-LCH, vol. 23, São Paulo.

SUDAM-SERETE-PLANISUL-GEOMITEC

1976 - *Estudo Integrado do Vale do Rio Branco*,
Caderno n. 7.

TAYLOR, K.I.

1975a- *Informações Referentes à Preparação dos Projetos do Plano
Yanoama para o Exercício 1976*,
FUNAI;

1975b- *Projeto Yanoama*,
Universidade de Brasília;

1976 - *Plano Yanoama - Atualização de Maio 1976*,
FUNAI.

TRACY, F.V.

1961 - *Fonologia Palimitheli*,
(descrita num ensaio no Workshop Seminar, do Summer Institute
of Linguistics), Norman, Oklahoma (EUA);

s.d. - *Nasalização em Dois Âmbitos no Dialeto Palimitheli da Língua
Xiriana*,

Cruzada de Evangelização Mundial, Summer Institute of Linguistics.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CONSULADO GENERAL DE VENEZUELA

1993 - *Censo Indígena na Venezuela - 1992*,
Boa Vista (RR).

FUNAI - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

1984 - *Terra Indígena Yanomami, Documentos*,
Brasília.

FUNAI-CIMI-INESC-NDI

1991 - *Por Que Demarcar as Terras Indígenas*,
Brasília.

MIGLIAZZA, Ernest C.

1972 - *Yanomama Grammar and Intelligibility*,
(tese de doutoramento), Universidade de Indiana.

PAIVA, Marcelo Rubens

1990 - *Ua:brari*,
Brasiliense, São Paulo.

URBAN, Greg

1992 - *A História da Cultura Brasileira Segundo as Línguas Nativas*,
in CUNHA, Manuela Carneiro da (org.), "História dos Índios no
Brasil", Cia. das Letras-FAPESP-SMC, São Paulo.

BIBLIOGRAFIA DA AUTORA

EMIRI, Loretta

- 1981 - *Gramática Pedagógica da Língua Yãnomamè*,
Missão Catrimâni (RR);
- 1982a - *Cartilha Yãnomamè*,
Missão Catrimâni (RR);
- 1982b - *Notas sobre os Grupos Locais Yanomami da Bacia do Médio Rio
Catrimâni*,
Missão Catrimâni (RR);
- 1982c - *Leituras Yãnomamè*,
Missão Catrimâni (RR);
- 1984 - *Levantamento Bibliográfico Yanomami*,
DEF-DAC-SEC/RR;
- 1985 - *Exposição Permanente Yanomami*,
DEF-MIRR-DAC-SEC/RR;
- 1986 - *Cadeira de Rodas*,
in "Poetas Brasileiros de Hoje - 1986", Shogun, Rio de Janeiro;
- 1987a - *Um Dia na Vida Yanomami*,
in "Nossos Direitos Nossa Vida - Subsídios Didáticos sobre a
Questão Indígena", série A -vol. 2, CIMI/CNBB;
- 1987b - *Dicionário Yãnomamè-Português*,
CPI/RR - Comissão Pró-Índio de Roraima, São Paulo;
- 1987c - *Nós Yanomami - Exposição Etno-Fotográfica*,
CPI/RR - Comissão Pró-Índio de Roraima;
- 1987d - *Línguas Indígenas em Roraima - Levantamento Bibliográfico*,
CPI/RR - Comissão Pró-Índio de Roraima;
- 1988 - *Dedicatória e outros poemas*,
in "Antologia de Poesias", Edicon, São Paulo;
- 1989 - *Yanomami*,
in EMIRI, Loretta; MONSERRAT, Ruth (org.), "A Conquista da
Escrita - Encontros de Educação Indígena", Iluminuras, São Paulo;
- 1991a - *Acordando numa Maloca Yanomami*,
in "1492-1992, 500 Anos de Invasão, 500 Anos de Resistência",
(folder), COMIN-IECLB;
- 1991b - *Amazônia em Seus Pormenores*,
(n. 4 cartões-postais: YA1, FA1, FL1, FL2), CPI/RR - Comissão
Pró-Índio de Roraima, Brasília;
- 1992 - *Mulher entre Três Culturas - Ítalo-brasileira "Educada" pelos
Yanomami*,
Edicon, São Paulo;
- 1993a - *Peles-vermelhas e outros poemas*,
in "Sociedade dos Poetas Vivos", vol. 3, Blocos, Rio de Janeiro;
- 1993b - *Coisas de Padres e outro poema*,
in "Expressões Poéticas", SESC, Boa Vista (RR).
- EMIRI, Loretta; MONSERRAT, Ruth (org.)
- 1989 - *A Conquista da Escrita - Encontros de Educação Indígena*,
Iluminuras, São Paulo.

ÍNDICE

Prefácio	9
Homens de pedra, homens de barro	11
Dedicatória	12
Introdução	14
Dados gerais	17
Mapa da terra indígena yanomami	19
Dados históricos	20
Ocupação territorial	22
Maloca	24
Utensílios	26
Caça	28
Pesca	32
Agricultura	34
Coleta	36
Brincadeiras	38
Calendário da vida	40
Festa	42
Cosmologia	44
Acordando numa maloca yanomami	46
Bibliografia yanomami	48
Bibliografia consultada	52
Bibliografia da autora	53

INDICE

Finito di stampare
nel mese di luglio 1994
dalla coop. litografica COM Studio Linea
Capodarco di Fermo (AP)
Italia

Ama-se o que se conhece, por isso dirijo hoje este livro ao povo brasileiro, especialmente aos estudantes: quero que conheçam os Yanomami e passem a amá-los. A foto da capa retrata Porako Wakathautheri e seu netinho Toreke. Vejo o passado milenar yanomami materializado no rosto do velho amigo Porako, e o futuro desse povo é retratado no menino Toreke. Porako conseguiu sobreviver até os nossos dias. Ele chegou a ficar velho mantendo com orgulho sua identidade. O presente que se interpõe entre o vovô e o netinho se chama de contato. O contato com os brancos significa invasões, disgregação cultural, doenças, epidemias e mortes, quer dizer etnocídio e genocídio. Toreke e o povo yanomami conseguirão sobreviver física e culturalmente ao contato com o selvagem homem branco? Nesta pergunta está resumida toda minha preocupação e angústia. A resposta será dada pelos estudantes aos quais hoje dirijo este livro, os homens e as mulheres da sociedade de amanhã. Suas atitudes e decisões, direta ou indiretamente, determinarão o destino dos Yanomami e demais povos indígenas. Eu tenho um sonho. No meu sonho não há estrangeiros defendendo os Yanomami contra a ganância de alguns brasileiros, e defendendo também quem sabe quais outros escusos interesses. No meu sonho há brasileiros amando e respeitando os índios brasileiros.

Loretta Emiri

Versão pdf, 150 dpi, Outubro de 2017

<https://lorettaemiriegliyanomami.wordpress.com>

<https://independent.academia.edu/LorettaEmiri>